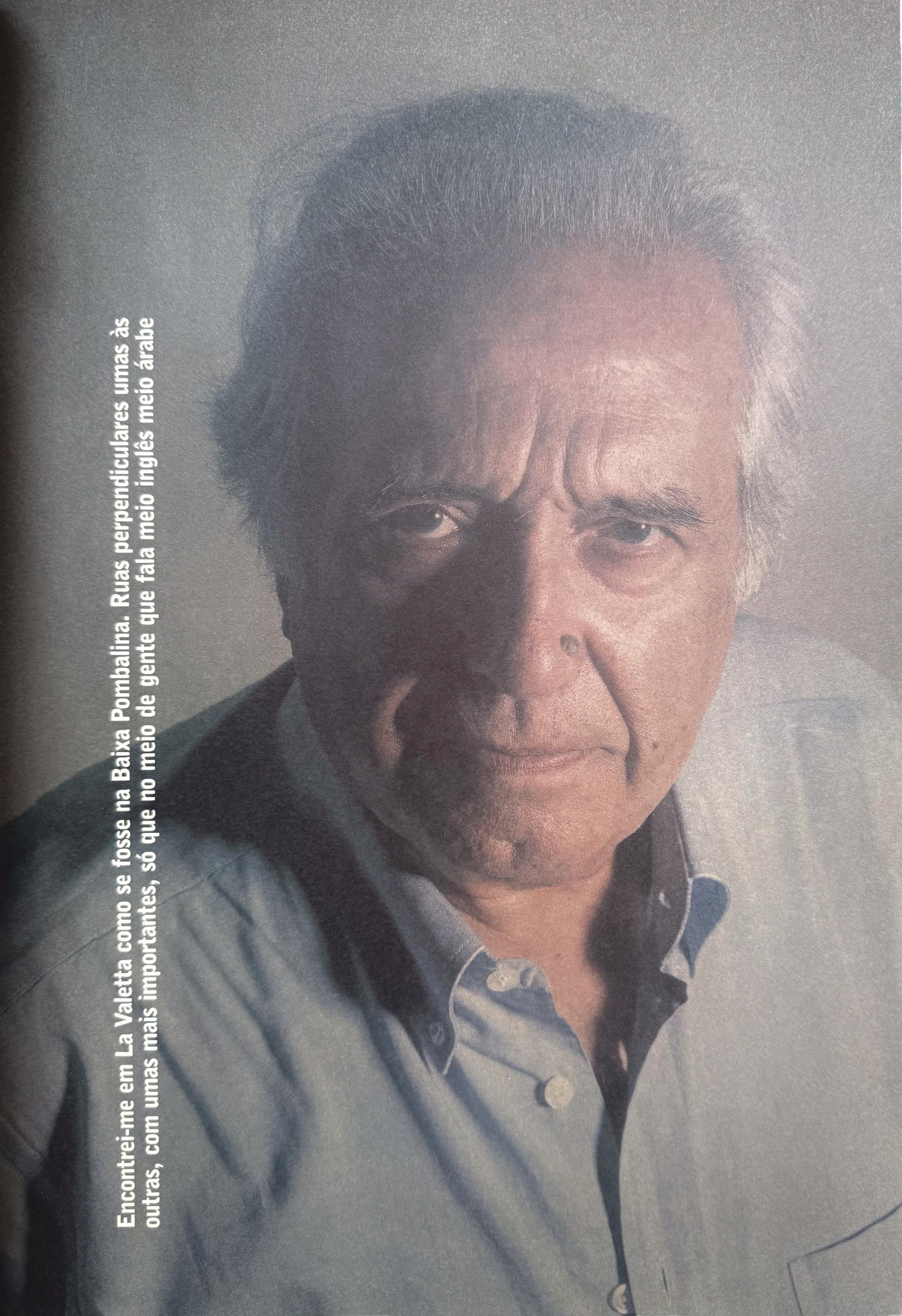


Encontrei-me em La Valetta como se fosse na Baixa Pombalina. Ruas perpendiculares umas às outras, com umas mais importantes, só que no meio de gente que fala meio inglês meio árabe



DACIANO DA COSTA

>>

não queríamos discutir a todo o momento, porque preferíamos não fazer o trabalho.

É natural proceder-se assim. Não é por arrogância ou por não precisarmos do trabalho de cada dia. Uma coisa é um trabalho ser suado, tudo bem. Mas ser permanentemente discutido, incomodado, no meio de guerras de uns e outros, não vale a pena, é desgastante e temos outras coisas mais modestas para fazer que são os trabalhos alimentares. Porquê estar com discussões horrorosas, corporativas, arquitectos irritados, urbanistas indignados, paisagistas ofendidos, electrotécnicos cada vez mais luminosos? A proposta dizia: no eixo, o cavalo deve articular-se com a Baixa pombalina.

P: Isto é, com a Rua da Prata.

R: Não se dizia isso claramente, mas era a intenção. Por outro lado, havia que requalificar a Praça da Figueira, foi o que encomendaram. Isso significava que era necessário também dar-lhe uma dignidade e uma qualidade que nunca tinha tido. Contraditoriamente, querendo mantê-la uma praça popular.

Reservar um espaço para ter uma árvore de Natal era uma coisa, fazer de uma estátua equestre o suporte de uma árvore de Natal é que não. Por muito manhosa que fosse a estátua – até podia ser do Salazar – não se lhe punha uma árvore de Natal por cima.

P: Essa mudança não provocou polémica?

R: As pessoas começaram a subir a Rua da Prata e reencontraram um monumento que não conheciam, que lhes passava ao lado. Um monumento daqueles é um elemento estruturante da imagem da cidade, como é o rabo do cavalo do D. José quando se desce a Rua Augusta. Está lá aquele ponto de referência. Aquela dimensão toda está no fim daquela praça. E então quando é iluminado de poente às seis da tarde de Verão, fica o D. João I de facto, rei que eu muito estimo, o rei do primeiro grande levantamento popular, um rei extraordinário, num cavalo chalado, se calhar, o monumento poderia ser melhor, não me interessa a qualidade do monumento. É a qualidade daquele rei e do monumento em si próprio como elemento de articulação e de memória da cidade. Estou aonde? Ah, se está ali o cavalo estou na Rua da Prata.

Faltam referências na Baixa pombalina. Tem aquela geometria toda mas, tal como em todas as cidades que têm uma malha geométrica muito rigorosa, as pessoas não sabem bem em que lado é que estão, se estão na primeira divisão ocidental ou na segunda divisão oriental. Precisam de referências e não há pequenas praças. Isto vem fornecer mais uma referência para a vida e para a valorização não só da praça e do monumento equestre: da própria Baixa pombalina. Tenho essa pretensão.

P: Como é que essa ideia lhe passou pela cabeça? Não é óbvio, mudar a estátua de sítio.

R: É óbvio, é. Se olhar para a planta da cidade, verifica que aquilo não condizia com

nada. Estava apenas no centro geométrico da praça que não tinha qualquer significado. Não é a mesma coisa que o cavalo do D. José que até está avançado, não está no centro da praça.

P: Porquê?

R: Porque os arquitectos que fizeram a Baixa pombalina sabiam o que estavam a fazer. Nunca estive a meio porque a praça é aberta para o rio. Esta desarrumação dá um efeito perspectico completamente diferente, um pouco enganoso, dá uma praça maior. Visualmente temos sempre a tendência para considerar o princípio da simetria, é um conceito que está instalado na nossa cabeça. Se uma coisa está próxima do centro, tendemos a considerá-la no centro. Vemos o cavalo no centro e a praça resulta com uma dimensão muito diferente, prolonga-se para o rio. Isto desdobra, faz um efeito de espelhamento para os dois lados.

P: Os edifícios da Praça da Figueira estão muito degradados. O que é possível fazer?

R: Vão ficar a toda à volta revestidos a azulejo. Todos azul e branco, mas não é tudo igual, há quatro padrões: todo branco, todo azul, com uma diagonal e com a onda. E para cada face da praça há uma opção diferente.

P: Foi fácil de aceitar esta proposta, por parte dos proprietários dos edifícios?

R: Há uma advogada que se tem esforçado para resolver isso. Os proprietários têm de autorizar o revestimento. Mas algumas destas propriedades não se sabe de quem são. A verdade é que os edifícios estão muito degradados e a cidade quer melhorar as praças históricas.

Há certas guerras que não vale a pena começar. Houve uma estratégia de projecto que foi deixar que as coisas se fossem desenvolvendo para as pessoas irem aceitando algumas coisas. O revestimento começa depois de a obra estar operacional. É natural que isso aconteça no princípio do ano.

P: E porquê a opção pelo revestimento a azulejo?

R: É a maneira pobrezinha de fazer as coisas. Em Itália faz-se com mármore. Nós fomos sempre uns tesos, com pouco dinheiro. O azulejo foi inventado por uns sujeitos que não tinham massa e era preciso embelezar as casas, sobretudo por dentro. Veio de Espanha, de uma tradição árabe, sim, mas de uma arquitectura efémera. A arquitectura permanente deles era em pedra, em mármore. Aquilo é um revestimento decorativo, um faz de conta. Nós nunca tivemos hipótese de fazer coisas caras, embora a nossa arquitectura seja boa, como é o pombalino. É um registo fortíssimo na cidade. A propósito, estive recentemente em La Valetta [capital de Malta] porque dizia-se que o Marquês de Pombal sabia que La Valetta tinha sido resolvida daquela maneira, com uma malha chamada hipodâmica, e mandara alguém espreitar para ver o que aquilo dava.

P: E é mesmo idêntico?

R: Encontrei-me em La Valetta como se

fosse na Baixa pombalina. Ruas perpendiculares umas às outras, com umas mais importantes, só que no meio de gente que fala meio inglês meio árabe. La Valetta é uma jóia preciosa. Tem coisas extraordinárias. Tem uma pequena cidade que é Medina, uma espécie de Cáceres barroca, uma cidade toda muralhada, muito pequena onde não há um só edifício que não seja de grande qualidade arquitectónica. Foi construída por um grão-mestre português da Ordem de Malta, António Manuel de Vilhena. A cidade tem um equilíbrio extraordinário. Fui lá para ver isso também, e para ver o nascimento da arquitectura.

P: O nascimento da arquitectura?

R: Há em Malta monumentos megalíticos anteriores a Stonehenge. Vê-se a arquitectura a nascer do chão. Eram já gestos de arquitectura. Grandes pedras postas ao alto, espaços definidos, funcionais, passagens de uns para os outros.

P: Que tipo de árvores estão plantadas?

R: Deveriam ser tílias e foram mudadas porque as caldeiras das árvores colidiam nalguns casos com a laje de cobertura do metropolitano que está muito elevada. Em certa zona, passa a 20 centímetros da minha cota de solo. Ficam umas árvores sugeridas pelos serviços da Câmara, uma espécie australiana [lódãos], que não tem necessidade de um enraizamento tão profundo. Mas não são as tílias que eu amo.

P: Depois do revestimento a azulejo, a praça fica pronta?

R: A única coisa que eu gostaria, para acentuar uma solução clássica, embora em contradição com os azulejos, era que todos os toldos fossem amarelos, a fazer uma cercadura. Toda a base dos edifícios, que não está em lioz, vai passar a lioz, como compete ao pombalino.

P: Que largos de Lisboa gostaria de mexer a seguir?

R: Há uma praça primorosa que fica na Rua da Boavista, uma pequena praça pombalina, onde ainda há umas lojas à volta, essa que tem uma igreja ali em baixo. É o Largo de S. Paulo. Para mexer ali era preciso não mexer. O que tinha de se fazer era arranjá-la, protegê-la mais, porque tem uma proporção magnífica.

P: E há outras praças.

R: Tive a sorte de fazer a Praça da Figueira, não sei se seria azar fazer uma dessas praças difíceis transformadas em nós viários. Durante muito tempo predominou na política municipal resolver os nós viários. O que dá esta coisa extraordinária de ver agora em algumas vilas ou pequenas cidades de província 20 ou 30 placas de giração e cinco repuxos em cada praça. Anda tudo doido com os repuxos que se compram por catálogo. Com cinco bicos é mais caro, ah bom, então faça lá um com três. Vocês não fazem uma pequena ideia do que se passa por aí...